

A Entronação do *Aláààfin* e sua conservação:
a nação *Kanbina* no Batuque *Nàgó*
do Rio Grande do Sul.

Erick Wolff

Ilé-ọba Óbokún Àşẹ Nàgó'Kòbì

Julho de 2011

Trabalho publicado na Revista Olorun, n. 5, Setembro 2011.

<http://www.olorun.com.br>

INTRODUÇÃO:

O propósito deste texto é fazer um paralelo da Nação *Kanbina* do Batuque do R.S., e suas possíveis origens no *Alafinato* Iorubá, e sobrevivências no culto afro-gaúcho, tentando mostrar que existe uma grande possibilidade desta nação ser originada dos nagôs, ao invés dos bantos, como a princípio, faz parecer o nome.¹

A origem da nação Iorubá está envolvida em mistérios e segredos, como a maioria das culturas ágrafas, existindo muitos estudos que criam caminhos diferentes. Não trataremos neste trabalho sobre a pré-civilização de *Ifé*, anterior ao advento de *Odùduwà*, que, segundo estudiosos do assunto, eram adoradores de *Obàtálá*, representados na figura ancestral de *Oréluere*.

Esta pré-civilização não pode ser chamada exatamente de Iorubá, visto que a nação Iorubá só veio a existir com a conquista de *Ilé-Ife* por *Odùduwà*, que unificou os grupos antigos numa só nação. Sobre a palavra o uso da palavra Iorubá, explica Elbein dos Santos (1976, p. 29, nt. 7):

“O termo Iorubá é de uso relativamente recente, no Brasil, sendo os eruditos que os descobriram nos textos estrangeiros e o fizeram conhecido. Não é utilizado pela população. Também não é utilizado em Cuba. Parece que mesmo na África Ocidental o termo Iorubá, em sua conotação coletiva, não é muito antigo. N. A. Fadipe (1970: 30) concluiu que “a etiqueta Iorubá, designando um grupo étnico, não deve ter estado há muito tempo em voga antes de 1856” – (“*The label Yoruba, as that of an ethnic group could not have been long in vogue prior to 1856*”). “Até hoje, as pessoas têm tendência a distinguir seus próprios grupos locais daqueles que eles chamam coletivamente de Iorubá”. (“*To the present day people... tend to distinguish their own local groups from the one they collectively refer as Iorubá*”). Parece que, em sua origem, o nome Iorubá era aplicado unicamente aos Iorubá de *Òyó*, que ainda são chamados, hoje

1 Agradecemos a Luiz L. Marins, irmão de religião, por fornecer as fontes necessárias, e por muito pacientemente ter colaborado na elaboração deste texto, com seu trabalho de leitura, críticas e sugestões. É autor do artigo *Èsù Òta Òrìṣà*, um estudo de *oríkì*, publicado no livro *Dos Yoruba ao Candomblé Kétu*, organizado por Aulo Barretti Filho, Edusp, São Paulo, 2010.

em dia, de Iorubá propriamente ditos. Para uma discussão mais completa desta questão ver Claperton (1829), Rev. Koelle (1963: 5), Dos Santos (1967 : 14 e nota 38), *Fadipe* (1970, cap. 2).”

Sobre *Odùduwà*, escreve Johnson (1973, pgs. 03-14):

“[...] O príncipe herdeiro *Odùduwà*, recaíra em idolatria durante o reinado do pai, e como ele possuía grande influência, ele influenciou muitos depois dele. Seu propósito era transformar a religião do Estado no paganismo, e, portanto, ele converteu a grande mesquita da cidade em um templo de ídolos, e isso *Asara*, o seu sacerdote, que a ele servia, era um produtor de imagens, repleto de ídolos. [...] O rei *Lamurudu* foi morto, e todos os seus filhos com aqueles que simpatizavam com eles foram expulsos da cidade. Dos Príncipes que se tornou Reis de *Gogobiri* e do *Kukawa* foram para o oeste e *Odùduwà*, para o leste. Este último viajou 90 dias a partir Meca, e depois de vagar sobre finalmente estabeleceu-se em *Ilè-Ife* onde se reuniu com *Agbò-niregun* (ou *Setilu*) o fundador da adoração à *Ifá* [...] *Odùduwà*, e seus filhos haviam escapado com dois ídolos para *Ilè-Ife*. *Sahibu* foi enviado com um exército para destruir ou reduzi-los, e subjugando-os foi derrotado, e entre o espólio garantido pelos vencedores havia uma cópia do Alcorão. Isto foi depois preservada em um templo e não foi apenas venerado por sucessivas gerações como uma relíquia sagrada, mas é ainda adorado até hoje sob o nome de *Idi*, significando possuir algo preso. [...] *Odùduwà*, e seus filhos criaram um ódio mortal dos muçulmanos do seu país, e estavam determinados a vingar-se deles, mas ele morreu em *Ilè-Ife* antes que ele fosse poderoso o suficiente para marchar e contra-atacá-los. ***Qkànbi*, seu filho mais velho**, comumente chamado *Idekoseroake*, também morreu lá, deixando atrás de si sete príncipes e princesas que mais tarde se tornaram famosos. A partir deles surgiram as diversas tribos da nação Iorubá. Seu primogênito era uma princesa que era casada com um sacerdote, e se tornou a mãe do famoso *Olowu*, o ancestral do *Owus*. O segundo filho foi também uma princesa que se tornou a mãe do *Alaketo*, o progenitor do povo *Ketu*. O terceiro, um príncipe, tornou-se rei do povo de *Benin*. A quarta, a *Orangun*, se tornou rei de *Ila*, o quinto, o *Onisabe*, ou o rei do Sabes, o sexto, *Olupòpo*, ou rei dos *Popos*, o sétimo nascido e último, *Oranyan*, que era o progenitor dos Iorubá propriamente dito, como são mais conhecidos os *Qyós*.” [o grifo é nosso].

Como vimos, *Qkànbi* é historicamente citado, ainda que sem mensuração, como o filho primogênito de *Odùduwà*, sendo que a palavra Iorubá para primogênito é, *àkóbí*, um adjetivo que significa “primeiro filho”. Foi dito acima, que *Qraniyan* era o neto caçula de *Odùduwà*, e que houve grande destaque de sua pessoa, tornando-se o mais rico e de renome de todos os outros. *Qranyan*

herdaria terras, segundo a tradição oral, daí o ditado "*Alâfin I'oni ile*" (o *Alâfin* é o senhor da terra). Como isso aconteceu, é assim narrado por *Jonhson* (1973. pgs. 41-46):

“Com a morte do Rei, seu avô, sua propriedade foi desigualmente dividida entre seus filhos. O Rei de Benin herdou seu dinheiro (que consistia em búzios), o *Orangun* de *Ila* suas esposas, o Rei do Sabe seu gado, o *Olupòpo* as contas do *Olowu* e as vestes, e o *Alaketu* as coroas, e nada foi deixado para *Oranyan*, apenas a terra. Alguns afirmam que ele estava ausente em uma expedição de guerra quando a partilha foi feita, e assim ele foi excluído de todos os bens móveis. *Oranyan* foi, no entanto, satisfeito com a sua parte, que ele procedeu imediatamente a tomar melhor conta com a habilidade máxima. Ele segurou seus irmãos como inquilinos que viviam na terra que era sua, das rendas que recebeu dinheiro, mulheres, gado, pérolas, vestidos, e coroas, que eram as partes dos seus irmãos, como todos estes eram mais ou menos dependentes do solo, e foi decorrente a sustenta-lo. E ele foi o escolhido para suceder o pai como Rei, em linha direta de sucessão. Para seus irmãos foram atribuídos a várias províncias sobre as quais eles governavam mais ou menos independente, *Oranyan* se viu sendo entronado.”

Devido à riqueza de detalhes, optamos por fazer a seguir uma longa transcrição do livro *The History of the Yoruba*, de *Samuel Jonhson* (1973, pgs. 41-46), sobre o *Aláààfin* e o ritual de Entronação:

O *Aláààfin*

“O *Aláààfin* é o líder supremo de todos os reis e príncipes da nação Iorubá, pois ele é o descendente de linhagem direto, e sucessor do fundador da renomada nação. A sucessão referida acima é feita por eleições entre os membros da família real, por um lado é considerado como o mais digno, sendo levado em consideração ser o mais próximo ao trono. Pode ser mencionado também através dos sentimentos e aceitação dos habitantes do harém para o rei eleito, são muitas vezes apurados em segredo.”

“Nos primeiros dias, o filho mais velho, naturalmente, sucede ao pai, e, a fim de ser orientada em todas as tarefas da realeza que deverá um dia lhe incumbir, ela foi frequentemente associada, mais ou menos com as realizações de deveres importantes do seu pai, e, assim, muitas vezes aprimorando as suas funções, assim, gradualmente, ele praticamente reinou como o seu pai sob o título de *Arẹmọ* (o apropriado herdeiro) tendo sua própria residência oficial perto do

Palácio; no entanto como poderia crescer corruptamente, o *Aremò* muitas vezes exercia influência tão grande como ou mais do que o próprio rei, especialmente no decorrer de um longo reinado, chegando o monarca tornar-se fraco com a velhice. Eles tinham iguais poderes de vida ou morte sobre os súditos do rei, e há alguns casos registrados do *Aremò* sendo fortemente suspeito de assassinato do pai, para assumir poderes de uma vez.”

“Foi, portanto feito uma lei na Constituição que, como o *Aremò* reinava ao lado do seu pai ele deveria também morrer com o rei. Essa lei surtiu efeito, pelo menos de verificar possibilidades de homicídios, que vigorou até o século passado, quando (em 1858) foi revogada pelo *Atiba* um dos reis que antecedeu a favor do seu *Aremò Adelu*. O *Aremò* poderá agora ter êxito se considerado digno, mas deve ser eleito da maneira tradicional, porem se for rejeitado pelo regente deve sair da cidade ou for para reclusão numa residência privada nas províncias. Isto, entretanto, não é realmente obrigatório, mas como ele deve ser substituído no seu cargo, esse caminho é inevitável, a menos que ele escolha por vontade própria morrer com o pai.”

“A escolha pode, por vezes, recaírem sobre um dos primeiros príncipes mais pobres, em busca de tranquilidade para o seu reinado, sem qualquer vocação para o trono; tal pessoa é enviada para inutilizar para a última vez sua surpresa, Isto foi feito provavelmente para a finalidade de testar o controle de espírito. Ele pode não estar ciente das intenções do *Mesi Qyò* até que seja advertido por eles como para as funções e responsabilidades da alta posição, que ele em breve preencherá.”

“Os nomeadores são três membros titulares da família real, a *Qna-Isokùn*, a *Qna-Aka*, e o *Qmq-Qla*, tios ou primos do rei, mas, geralmente, intitulados "parentes do Rei". Estes têm de apresentar ou sugerir os nomes para os nobres para eleição, mas a voz do *Basorun* é primordial para aceitar ou rejeitar.”

“Cerimônias curiosas e elaboradas precedem adesão propriamente dita ao trono. Após todos os preparativos tenham sido efetuados, as cerimônias começam por um sacrifício interposto da casa da *Qna-Isokun* por um conjunto de os homens chamados *Qmq-ni-nari*; estes pertencem a uma família de especial importância na realização de todos os deveres serviços relacionada com as oferendas dos sacrifícios e de esperar o Rei e os sacerdotes. Assim que entram na casa em que o rei será eleito, ele é chamado para fora, e ele tem que se levantar com um assistente ao seu lado. Ele é tocado no peito, e no ombro direito e esquerdo com a bacia do sacrifício, o auxiliar nesse meio tempo profere algum tipo de palavras. Esse é o sinal que ele foi chamado ao trono. Na noite do mesmo dia, ele é conduzido silenciosamente para a casa do *Qna-Isokùn* onde passará a primeira noite. A fim de evitar a multidão, e a atenção do público, que geralmente é desviado por uma procissão dos escravos do rei e outros com muito *Kamukalho* e festa, como se o escoltasse, enquanto o rei eleito acompanhado pelo *Aregbe'Idi*, um intitulado eunuco, e alguns dos *Qmq-ni-nari* chegam calmamente ao longo de um caminho.”

“Na casa da *Ona-Iṣokùn*, ele é decepcionado exclusivamente pelo *Qmṣni-nari*. Ele é advertido e assessorado por aqueles que o receberão no lugar de seu pai. Algumas cerimônias de purificação já foram executadas, sacrifícios propiciatórios são novamente oferecidos, desta vez, são realizadas em vários lugares da cidade pela *Qmṣni-nari*.”

“Na noite seguinte, ele passa na casa² do *Otun-Iwẹfa* (o próximo na Posição para o chefe dos eunucos). Este oficial é um sacerdote de *Sàngó*, é provável de que o rei eleito passe a noite com ele a fim de ser iniciado na arte sacerdotal do seu ofício, o *Aláàfin* terá o máximo de espiritualidade, assim como o secular trabalho a executar, sendo ao Rei e Sacerdote o mesmo para o seu povo, e, provavelmente, “aprende ali também usos e feitos da imensa população no recinto do interno do palácio com a qual os eunucos são bastante familiarizados”. Depois disso, ele é conduzido a uma das câmaras no pátio externo do palácio (*Qmṣ ile*) onde reside durante três meses, o período de luto, até a sua coroação.”

“A passagem principal ao palácio será fechada durante o fim do Rei, uma nova abertura privada é feita para ele na parede externa através da qual ele entra e sai da sua residência temporária. Durante esse tempo ele permanece rigorosamente no aprendizado, secreto e praticando o estilo e comportamento de um Rei, e os detalhes dos deveres e funções importantes de seu reinado. Durante este período ele se vestirá de preto, e tem o direito de usar uma "touca de chef" chamado "*Ori-kò-Gbe-ọfọ*". (A cabeça não pode ficar a descoberto). Os assuntos de Estado neste momento são conduzidos pelo *Baṣorun*.”

A Coroação de um *Aláàfin*

“A coroação acontece no final de três meses, geralmente na terceira aparição da lua nova após a morte do falecido Rei. A data é geralmente fixada de forma a tê-la se possível antes do próximo grande festival. É entendido como um grande festival público. É um dia de gala na qual toda a cidade aparece vestida com roupas de festa. Visitantes das províncias e representantes de Estados vizinhos, também se dirigem para a cidade em grande número. Este dia é geralmente conhecido como “A visita do rei à *Barà*”. É o primeiro ato, e a mais importante das cerimônias.”

2 A tradição diz que nos primeiros dias, enquanto o rei eleito está na casa do *Otun'ẹfa* é servido entre os pratos para que ele partilhe, um será preparado a partir do coração do falecido rei que foi extraído e secretamente. Após participar disso é dito, que ele "comeu o Rei". Daí a origem da palavra *Je Oba*, para se tornar um rei (ht. para comer um Rei). (*Jonhson*, 1973, pgs. 41-43).

“O *Barà*, ou mausoléu real é um edifício consagrado nos arredores da cidade, sob os cuidados de uma sacerdotisa de nome *Iyamode*, há os reis foram coroados formalmente, e não sepultado. O Rei entra, apenas uma vez na sua vida, e que é na coroação com a pompa da cerimônia marcada. A coroação real não acontecerá no *Barà* como parece que irá acontecer, mas ao *Koso* santuário de *Sàngó*, mas a visita ao *Barà* é tão importante e indispensável uma preliminar que se tornou mais estreitamente identificado com a coroação do que para os outros santuários visitados na ocasião.”

“Deixando a *Ipadi* - suas câmaras temporárias - são duas estações em que os Reis eleitos terão que parar antes de atingir o edifício sagrado, o primeiro é o *Abálá* ou área em frente ao palácio onde uma barraca de roupas bonitas foi erguida para ele. Aqui ele tem que mudar sua roupa de luto por um manto principesco. Ele, então, procede à segunda estação em meio a *Alapini* sobre sua rota onde uma grande tenda e um gabinete foi erguida para sua recepção. Aqui, ele é aguardado por uma grande multidão que o saúda com aplausos. Aqui ele recebe os cumprimentos e homenagem dos príncipes, os nobres, os chefes e o povo, e é aclamado como o rei. Algumas cerimônias que se passam também incluem distribuição de nozes de cola, etc, para os príncipes e chefes”.

“Depois disso, ele prossegue para o *Barà* acompanhado por toda a multidão de pessoas que terão de ficar do lado de fora. Ele entra nos recintos sagrados com a presença do *Maqaji lyajin* (seu irmão mais velho) as princesas, a *Ona-Onse-awo* (um funcionário), o *Otun-wefa* (o lado do chefe dos eunucos), que é um sacerdote e o *Omo-ni-nari*, um conjunto de servos. Estes últimos são para o abate e a pele dos animais a serem oferecidos em sacrifício.”

“No *Barà* ele faz preces diante dos túmulos de seus antepassados, um cavalo, uma vaca e um carneiro sendo oferecidos para cada túmulo, porções são enviados fora a cada um dos nobres, príncipes e chefes esperando lá fora, o *Başorun* recebe primeiro o grosso das partes. Ele invoca as bênçãos e proteção de seus antepassados mortos e é instituído afirmando para receber autoridade para usar a coroa. A visita ao *Barà* então, é, com a finalidade de receber autoridade ou a permissão dos seus antepassados falecidos para usar a coroa, pelo que é dito como coroação. Existe uma regra fixa que toda a carne é para ser totalmente consumida no *Barà*, sob nenhuma circunstância nenhuma deve ser levadas para casa. Sobre isso, o Rei retornará, portanto, com grande pompa para os seus aposentos temporários, em meio ao disparo de feu de joie, sob o balir da trombeta *Kakaki*, tambores, etc.”

“No quinto dia após isso, ele passa a *Koso*, o santuário de *Sàngó*, para a coroação real. Aqui ele é recebido pela *Otun-wefa* que tem a seu cargo o santuário, o *Bale* (prefeito) de *Koso* uma vila suburbana, o *Omo-ni-naris*, e os *Isonas* [O *Isonas* são um corpo de homens cujo único emprego é fazer todas as agulhas e trabalho bordado para a realeza. Eles também são os confeccionadores de guarda-chuva. A coroa, pessoal, roupas, e todos ornamentais trabalhos manuais e funcionamento em algodão, seda ou couro são executados por eles]. Rodeado pelos principais eunucos e os príncipes a grande coroa é colocada em sua cabeça com muita cerimônia pela *lyàkere*, quem é *lyàkere*, para quem está reservada a

mais importante função será visto abaixo. As vestes reais são colocadas sobre ele, o *Ejigba* volta do pescoço, o pessoal e a espada da misericórdia são colocados em suas mãos. [O *Ejigba* é um colar de contas caras descendo até os joelhos. Grânulos são usados para pedras preciosas. Isto representa celas. Cadeias-dizem-são para os prisioneiros, por isso, eles usam várias contas.]”

“No quinto dia após isso, ele passa para o santuário de *Oranyan*, aqui a grande espada ou Espada da Justiça são trazidas de *Ilè Ife* sendo colocada em suas mãos, sem o qual ele não pode nenhuma autoridade para uma ordem de execução.”

“Depois de outro intervalo de cinco dias, ele passa ao santuário de *Ògún*, o deus da guerra, e não oferece um sacrifício propiciatório de um reinado pacífico. As ofertas consistem em uma vaca, um carneiro, e um cão, este último sendo indispensável em qualquer sacrifício ao deus da guerra.”

“Do santuário de *Ògún*, a procissão vai direto para o palácio, entrando agora pela primeira vez pelo portão principal aberto para ele, abrindo a primeira através da parede exterior às temporárias câmaras sendo rapidamente emparedado. Assim, ele entra no palácio apropriado como o rei.”

“Mas uma nova abertura é feita por ele **na *Aganju Kobi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kobi* durante o seu reinado:** em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, **um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrado no limiar da abertura;** no sangue das vítimas e sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior.” [os grifos são nossos].

“Sacrifícios humanos (agora totalmente abolidos), porém, não foram pratica comum entre os *Oyo*, mas tais imolações sempre foram realizadas na coroação e no enterro do soberano. Por esses sacrifícios que ele não é apenas coroadado Rei, com poder sobre todos, homens e animais, mas ele também é consagrado sacerdote para a nação. Sua pessoa, portanto, se torna sagrada. Após tudo isso ser realizado, agora é anunciado formalmente ao público em geral, que o rei "A" está morto (ou melhor, tem entrou na abóbada do céu-*O wo Àja*) e o Rei "B" agora reina em seu lugar.”

“Durante o intervalo da doença do falecido Rei, até o momento da sua morte, o negócio de Estado é exercido normalmente pelo palácio, o *Osi-'wefa* personificando o Rei, mesmo ao ponto de colocando em seu manto e coroa, e sentado no trono quando tal for necessário, mas, logo que se saiba que ele está morto o *Basorun* assume a autoridade de chefe, menos uma vez, e nada pode ser feito sem ele.”

“Após o Rei ter sido coroadado, ele passa a estar proibido de aparecerem em vias públicas por dias, exceto nas muito especiais e extraordinárias ocasiões, ele é, no entanto, permitido passeios à noite de lua cheia, quando ele pode andar

incógnito. Este isolamento não só aumenta a admiração e majestade devido a um soberano, mas também empresta poder e autoridade aos seus comandos, e é o melhor guarda seguro para a ordem pública em seu presente estágio de civilização. Além disso, seria muito inconveniente aos cidadãos que o rei sempre saindo, pois de acordo o costume universal do país, sempre que um chefe está fora, todos os seus subordinados devem sair com ele. São invioláveis as leis e costumes do país, e é aplicável a todos, seja qual for sua posição: assim, se o *Başorun* está fora, todos os *Mesi Qyó* deve sair fora também. Se o *Bale* de qualquer cidade está fora, todos os chefes da cidade devem estar fora também, e se o Rei estiver fora, toda a cidade deve estar agitada e em movimento, todos os negócios suspensos, até que ele retorna para o palácio.”

Como vimos, era costume entre todas as tribos Iorubá o sacrifício humano, em destaque, os *Ife*, que se excediam neste ritual, mesmo antes do reinado de *Sàngó*, sendo muito comum naqueles dias, e para ter à mão, compravam escravos num distrito de *Ibokun*, com feitio mirrado e pequeno, pois eram ideais para o sacrificio. Isto teria dado origem ao termo *Ijesa* (*Ije Òrìsà*, o alimento para os Deuses). Estes sacrifícios humanos tinham a finalidade e pedir proteção aos antepassados e ao mesmo tempo garantir que *Eégún* estaria a protegendo o novo e eleito *Aláààfin*.

São estas fortes ligações do *Aláààfin* com *Eégún*, que servirão base para o nosso estudo de comparação dos rituais de iniciação da nação *Kambina*, no Batuque do Rio Grande do Sul, devido seu rito iniciático estar diretamente ligado a *Eégún*, assim como a iniciação e entronação do *Aláààfin*.

O BATUQUE DO R.S.

O Batuque Afrosul possui ritos próprios que o distinguem de todos os outros segmentos religiosos de matriz africana. É basicamente dividido em quatro raízes: *Jeje*, *Ijeṣa*, *Oyo* e *Kanbina*. Estas raízes praticam quase a mesma liturgia, cultuam praticamente as mesmas divindades, procedem quase da mesma forma ao utilizar as ervas e o *Èjè*, estas raízes praticam o mesmo ritual e liturgia para o culto ao *Orí*, lidam da mesma maneira para iniciar e ou assentar as divindades que cultuam na feitura e conceito de *Ìbòrí* são idênticos, salvo um ou outro ritual que é modificado.

A nação objeto de nosso estudo é a *Kanbina*, que alguns falam *Kabinda*, talvez por julgarem-na uma nação de raiz banto, ligada à *Cabinda*, anexada a *Angola*. Entretanto, é o propósito deste trabalho mostrar o inverso, isto é, que existe uma grande possibilidade, devido à semelhança dos ritos iniciáticos relacionados aos *Eégún*, da nação *Kanbina* estar diretamente relacionados aos *Aláààfin*, e aos nagôs, ao invés dos bantos.

Segundo Correa (1992, p. 50) “o Batuque manteve-se graças à estrutura sólida do modelo Jeje-nagô, e aí supõe-se o ingresso de não-sudaneses. Entretanto, este ingresso não resultou, ao que tudo indica, em grandes influências banto no ritual”.

A Nação *Kanbina* e os rituais iniciáticos

O sacerdote de *Kanbina*, na hora sacrificar para *Òrìṣà*, *Ibori*, ou assentamentos de *Òrìṣà*, costuma tirar uma reza na porta do templo, tendo à mão, a faca para *Òrìṣà*,

saudando e pedindo *Ago* ao *Igbalè*, devido à ligação de *Sàngó Baru*³, conhecido como *Kamuka*, com o *Igbalè*.

3 *Baru* - Na África o culto a este *Aláààfin* está cercado de tabus, pois durante seu reinado cometeu muitas atrocidades, motivo pelo qual os africanos não o raspam nem assentam. Não fazia prisioneiros, matava todos, incendiou seu reinado e possuía um temperamento incontrolável, é conhecido como o *Sàngó Baru* (dono do buraco, um quadrado no chão como *Igbalè*), justo por ter sumido num buraco na terra. Está ligado diretamente à *Eégún* e ancestrais, conhecido na cultura Afrosul como *Kamuka*, conforme reza a mitologia afro-brasileira na diáspora Afrosul.

O culto a *Kamuka*, o *Aláààfin Baru*, e conseqüentemente com *Eégún*, na nação *Kanbina*, é tão grande, que durante o *Arissum* e ou Missa dos *Eégún* (ritual anual que homenageia os *Eégún*), a prioridade dos sacrifícios são para *Kamuka* e os ancestrais, no *Igbalè*.

Sendo ele o Rei da Nação, ele recebe animais tanto nos rituais de iniciações quanto nos rituais para *Eégún*. E durante o *Arissum*, e/ou, a chamada missa dos *Eégún*, onde formam uma roda e dançam louvando os ancestrais e algumas divindades ligadas a *Eégún*, nesta ocasião, *Sàngó* é uma das primeiras divindades que se manifesta durante o ritual, podendo ser acompanhado por uma *Qyá*, *Xapanã* ou demais divindades.

O *Igbalè* (local sagrado para os *Eégún*, ritual feito no solo), geralmente se localiza nos fundos dos templos. Neste local são feitos sacrifícios e serviços pertinentes aos *Eégún* e ancestrais daquele templo, e isto é muito semelhante ao narrado anteriormente por *Jonhson*, quando diz que na iniciação do grande *Aláààfin*, em África, sacrificavam seres humanos, para que *Eégún* protegesse o palácio e o reinado do novo Rei, costume hoje abolido.

Fisicamente, *Kamuka* tem um assentamento próprio, uma casinha, do lado de fora do templo, estando ligado às funções do *Arissum*. Esta “casinha de *Kamuka*”, construção individualizada e própria do *Aláààfin* da nação *Kanbina*, talvez seja a sobrevivência do *kòbì*, de que fala *Jonhson*, a qual é a construção estendida no palácio do *Aláààfin*, em África. Segundo a diáspora afro-gaúcha, o *Orin* de *Kamuka* é tão sagrado que evitam cantá-lo, mesmo quando estão ensaiando cantigas e ou aprendendo toques. Ao cantar o *Orin* deste *Aláààfin* num dia de festa, todos os presentes que pertencem a raiz *Kanbina* se abaixam colocando a cabeça no chão em respeito a esta divindade. Caso haja alguma divindade em terra, primeiro ela vai até a porta para saudar a rua, ou melhor, para saudar o *Kóbí* e depois volta para saudar o quarto de santo, o tambor, e por fim fica no meio da roda, de cabeça baixa, até terminar o *Orin*.

Todas as casas de nação *Kanbina* terão, no interior do templo, um assentamento comum, conhecido como segurança de *Kamuká*, feita no solo, exatamente no meio do salão, que consiste em um buraco quadrado de alguns centímetros, preparado com algumas comidas sagradas e utensílios religiosos. Esta segurança será coberta por uma pedra quadrada branca, chamada de segurança do *Kamuká*, e que cria um elo de união entre os ancestrais e os *Òrìṣà*.

Outra função da segurança para *Kamuka* dentro dos templos, é que, sobre ela também sejam quebradas as louças dos assentamentos do *Lailèmi* (morto), no ritual do *Arissum*, podendo neste local os sacerdotes executarem sacrifícios e tirar os *Ebo* pertinentes ao *Arissum*, onde poderão até velar o *Lailèmi* dentro do barracão, sobre a segurança do *Kamuka*. Entretanto, neste caso, não será possível haver qualquer cerimônia para *Òrìsà* durante o *Arissum*, e não será permitida qualquer iniciação e ou ritual referente à *Òrìsà*.

A iniciação para *Kamuka* é considerada pelos sacerdotes da *Kanbina*, um tabu. Não é costume nesta nação iniciar um *Èlégùn*⁴ para ele, e antigamente, não víamos nem uma feitura sendo feita para o *Kamuka*.

Quanto à iniciação de *Òrìsà* em uma casa de *Kanbina*, seja ela com aves e ou animais de quatro patas, precedera-se com um corte para *Bará* (*Òrìsà Èsù*). A seguir, sacrifica-se para as divindades que fazem parte do iniciado.

Nesta ocasião, a *Kanbina* usa o procedimento de evocar a segurança e proteção de *Kamuka*, para que, se por ventura venha a falecer um membro da casa durante as obrigações de iniciação, estas não fiquem prejudicadas, como ocorre com as outras nações, e as obrigações não precisem ser despachadas.

Assim, a decorrente obrigação para o orixá pode continuar, dentro do templo, sem que nada se perca, enquanto o *Arissum* pode ser realizado em paralelo, mas separado, dentro do perímetro do templo, do lado de fora.

No entanto, para que esta segurança ocorra, oferendas adicionais deverão ser feitas a *Sàngó Baru*, no *Yara'bo* (quarto-de-santo) e no *Igbalè*.

No *Yara'bo*, deverão ser oferecidos os mesmos tipos de animais aos quais foram oferecidos na iniciação. Se o sacrifício for feito com aves, basta oferecer uma ave, se forem bichos de quatro pés,

4 Porem, atualmente, sabemos de vários *Èlégùn* feitos para esta divindade na *Kanbina*, inclusive manifestando-se. Segundo um mito da diáspora religiosa afrodescendente, afirmam que nem mesmo na África costumam iniciar *Èlégùn* para esta divindade, fato ao quais os relatos do seu reinado e feitos, que não foram positivos. .

basta oferecer um carneiro⁵, que nada se perderá daquela obrigação, mesmo que venha a falecer um membro da família, o que, em outras nações, faria com que toda a obrigação fosse despachada.

As oferendas que são feitas no *Igbalè*, serão entregues apenas para *Kamuka*, que é conhecido como o *Sàngó* do buraco (*isà*), pois come junto com *Eégún*, no *Igbalè*, onde as oferendas serão feitas para os ancestrais da *Kanbina*. Homem ou mulher, são cultuados no coletivo como *Eégún*.

Algumas das oferendas, naturalmente adaptadas à realidade brasileira, são:

- galinhada (arroz com galinha) para *Eégún* junto com *Kamuká*,
- arroz com couve para o *Legba* ⁶⁽⁾
- arroz com linguiça para a *Zina*, considerada a esposa do *Legba*, de origem *Djedje* cultuada entre os *Kanbina* como um *Òrìsà*, porem assentada no vulto também, considerada o anjo da morte e solidão.
- Podem ser oferecidos muitos outros tipos de oferendas para o ritual do *Arissum*.

Além do *Arissum*, a Missa dos *Eégún* é outro ponto forte na ritualística da *Kanbina*, pois aqueles que possuem *Igbalè*, deve uma vez ao ano, fazer uma festa para eles, realizando sacrifícios e outras oferendas nesse local, fazendo uma roda e dança ao redor do assentamento do *Kamuka*, no meio do salão. Este procedimento é muito semelhante ao *Arissum*, só que, sem o *Lailèmí*. Também

5 O carneiro é um animal sacrificado para *Sàngó*, este mesmo animal que muitas vezes é oferecido na cultura Iorubá para *Eégún*.

6 Uma divindade de origem *Djedje* cultuado entre os *Kanbina* com fundamento de *Òrìsà*, porem assentado em vulto sem *Òkúta*; é considerado o *Òrìsà* da destruição.

encontraremos o coletivo⁷ dos ancestrais, ou seja, os membros da religião homem e mulher sendo homenageados neste ritual.

As demais raízes do Batuque (*Ijesa*, *Qyo* e *Jeje*) não possuem o mesmo procedimento, pois no caso do falecimento de alguém da casa durante o período de obrigação, é necessário despachar tudo, e esperar o período de luto para começar tudo novamente, perdendo desta forma o material, sacrifícios e iniciação ou ritual.

Ao entrarmos num *Yara-bò* (quarto de adorar *Òrìsà*) de *Kanbina*, notaremos que existem várias prateleiras, e nestas, os *Igbá-Òrìsà*⁸ acomodadas na ordem e na mesma sequência do *Sire*.

Entre todos os *Igbá-Òrìsà*, o de *Sàngó* (*Agandju*, *Sogbo*, *Agodo*, *Dada* ou *Afonjá*), é o único que deve estar sempre em cima de um pilão, por alguns motivos:

- estar em contato com a terra,
- estar em cima de um pilão de madeira,
- ficar na frente do *Irúnmole*⁹ (mesmo que o *Òrìsà* da casa seja outro).

Segundo os mitos da diáspora religiosa afro-gaúcha, *Sàngó Baru Kamuca* é o rei de *Kanbina* e dos *Eégún*, dominando e regendo a todos, sendo assim todo e qualquer ritual de *Òrìsà* ou *Eégún*, esta divindade sempre estará presente.

7 Divindades cultuadas entre as vertentes religiosas referem-se a todos aqueles que vieram do *Òrun* e aqueles que foram divinizados, o mesmo ser colocado como o todo ao qual é cultuado entre uma nação.

8 Pequenas vasilhas que agregam um *Òkúta* (pedra) ou vulto da divindade cultuada, com várias ferramentas atribuídas à determinada divindade e búzios.

9 O coletivo no *Igbalè* configura os ancestrais homens de um lado e as mulheres de outro, recebendo oferendas e sacrifícios juntos sem distinguir a individualidade, apenas irão receber oferendas de animais de penas pertencentes aos quais foram iniciados, ou seja, eles recebem oferendam e sacrifícios semelhantes aos que foram feitos na sua iniciação, que foram convencionados pela cultura da *Kanbina*, no entanto, não são *Òrìsà*, muito menos escravos de *Òrìsà*, são considerados *Eégún* que pertencem ao *Igbalè* e são cultuados junto com os ancestrais (aqueles que geraram espiritualmente o dirigente do templo e/ou os sacerdotes e sacerdotisas que deram início ao culto, estes respondem como ancestrais, já numa postura e distinção de hierarquia, no entanto comungam com *Eégún* e no caso podem receber sacrifícios em cima do *Àse* do *Sàngó Baru*.

Por décadas o Brasil acreditou que *Sàngó* temia *Eégún*; mas como poderia temer *Eégún*, se o próprio *Aláààfin* era iniciado e coroado sob a proteção de *Eégún* e dos ancestrais, conforme vimos anteriormente em Johnson, e como está diretamente ligado relacionado ao *Igbalè*, no ritual da *Kanbina*, no Batuque do Rio Grande do Sul.

NÀGÓ KÒBÌ: UMA HOMENAGEM À NAÇÃO KANBINA

Devido ao *Aláààfin* descender diretamente de *Qkanbi*, é perfeitamente justo atribuímos-lhe o *Oríkì* (nome de louvor) *Àkòbí Odùduwà*, confirme demonstramos. Mas este dado não é o mais importante para justificar a aplicação do título *Nàgó Kòbì*, à nação *Kanbina*.

O fato de esta nação possuir uma construção separada para o *Kamuka*, do lado de fora do templo, vai de encontro, em África, com a arquitetura do Palácio do *Aláààfin*, que possui um quarto exterior, uma extensão da construção principal, chamado *kòbì*. Para relembrar, citaremos novamente *Johnson* :

“[...] uma nova abertura é feita por ele na *Aganju Kòbi*, através dela que ele entra no recinto interior do palácio. Esta entrada é para o seu uso exclusivo dentro e fora do *Kòbi* durante o seu reinado: em sua morte é fechada. Nesta entrada tem que oferecer em sacrifício um caracol, uma tartaruga, um tatu, um rato de campo (*emó*) um rato grande (*okete*) um sapo, um girino, um pombo, uma galinha, um carneiro, uma vaca, um cavalo, um homem e uma mulher, os dois últimos sendo enterrado no limiar da abertura; no sangue das vítimas e sobre o túmulo dos dois últimos, ele tem que caminhar para o átrio interior [...]”

Nàgó’Kòbí, título por ora aplicado à nação *Kanbina*, refere-se à sobrevivência da construção estendida que existe no palácio do *Aláààfin*, o *kòbì*, simbolizada na construção da “casinha de *Kamuka*”, o rei da *Kanbina*, uma construção também estendida ao quarto-de -santo do Batuque do Rio Grande do Sul.

Para melhor evidenciar e justificar, vamos transcrever o verbete *kòbì* do dicionário Abraham, R.C. *Dictionary of the Modern Iorubá*, 1962, pg. 45:

kòbì – (1) [a]. uma extensão construída fora do palácio, para servir como quarto. [b] v. Ààfin 4 L. (2) ~ *agorjú*. [a] trono-quarto onde o *Aláààfin* aparece. [b] v. Ààfin 4 H. [c] o terceiro ou quarto *kòbì*, é para os músicos. [...]

Vamos verificar também as recomendações do verbete, no mesmo dicionário, à página 18:

Ààfin 4 H - [...] Ele agora é um rei. Uma nova abertura é feita no *kòbì-agorjú* para ele entrar no recinto. Animais, um homem e uma mulher, foram sacrificados ali e enterrados na abertura. Sacrifício humano também será feito durante o enterro do *Aláààfin*. [...]

Ààfin 4 L – Funeral do *Aláààfin* - [...] existem tantos *kòbì* dentro do *Bàrà*, tantos quantos forem os reis enterrados ali. [...]

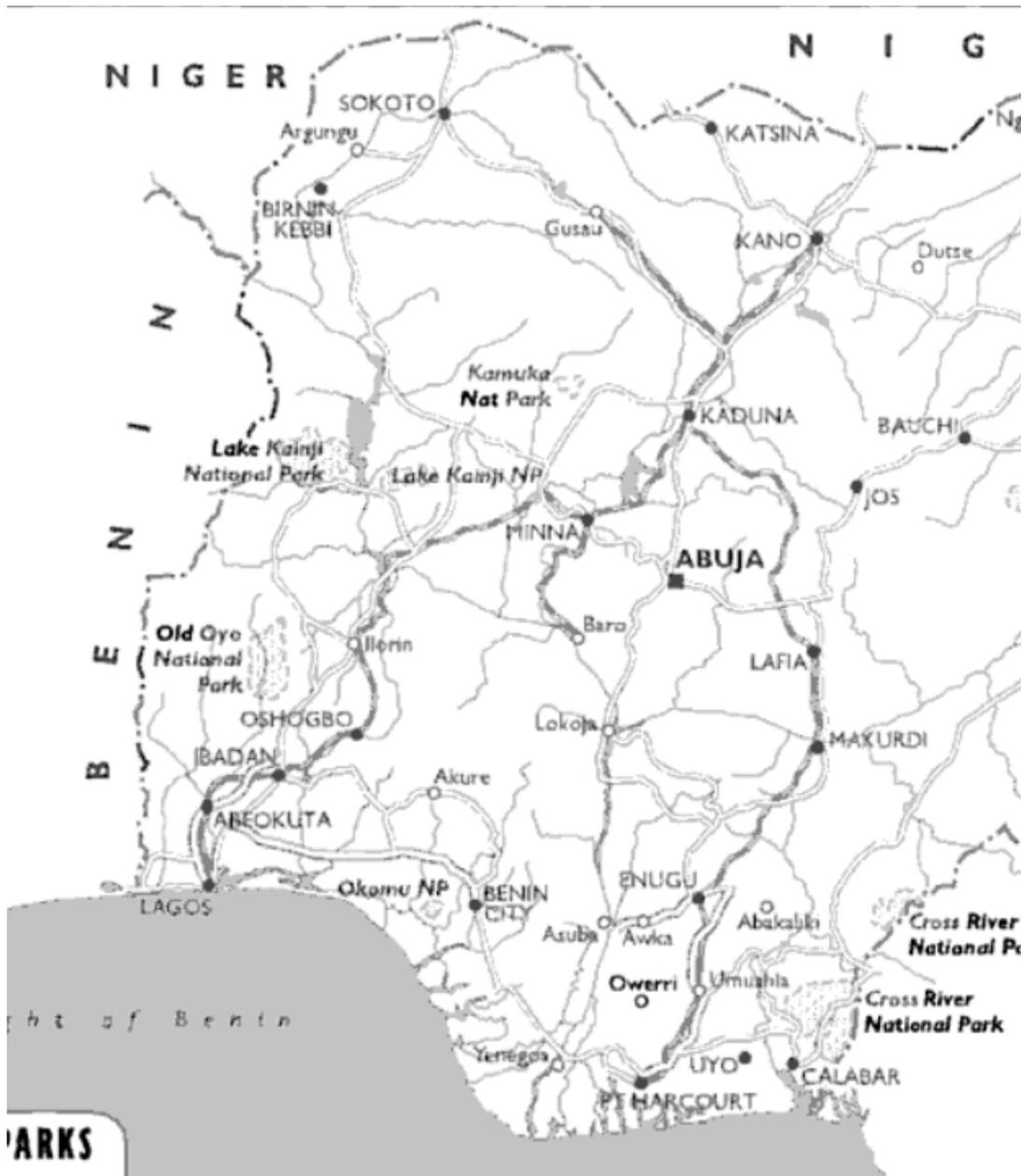
Chamamos a atenção que, a palavra *Bàrà*, acima, não tem nenhuma relação com *Òrìsà Èsù* ou *Bará*. Para que isso fique claro, vamos transcrever também o item **4 D**, idem, idem.

Ààfin 4 D - A coroação acontece três meses após a morte do último rei. Este dia é chamado “o dia da visita ao *Bàrà*”. O *Bàrà* é um mausoléu real, e está sob a custódia da sacerdotisa *Ìyámondè*.

No ritual da *Kambina*, quando um sacerdote de uma casa falece, após 32 dias joga-se para ver qual procedimento deverá ser tomado em relação à casa-de-santo e aos iniciados por ele. Somente após três meses é que deverá ser feito qualquer ritual para retirada da mão do antigo sacerdote.

Conforme demonstrado, é clara a evidência de que a nação *Kambina* tenha sua origem no *Alafinato* Iorubá, ao invés de ser uma sobrevivência banto, como se acredita. Assim, em homenagem a esta nação, nós a reverenciamos como a nação *Nàgó’Kòbí*, por ter, conforme acreditamos, seus rituais, diretamente ligados, primordialmente e primogenitariamente, ao *Alafinato* através de *Kamuka*.

Um dado geográfico que vai de encontro ao propósito deste texto, é o Parque Nacional Kamuka (também chamado de Kamuku) ao norte de Oyo, como podemos ver nas imagens abaixo:



e:



Lizzie Williams, *Nigéria*, 1998

Williams (1998, p. 292) assim o descreve:

“Parque Nacional Kamuka, 125km a oeste de Kaduna, próximo à cidade BirninGwari. O portão do parque é 23km ao sul saindo da rodovia Lagos-Kaduna, próximo à Dagara. Kamuka cobre uma área de 1.121m² de bosque e pântanos;

foi noticiada como um parque nacional em 1999, a partir de uma área de reserva florestal, recebendo o nome de um grupo étnico local. [...]"

Yakan (1999, p. 396) informa que:

“Os Kamuku são povos do Oeste Africano. Eles estão concentrados, na área central oeste da Nigéria, particularmente no estado de Kwara”. Também Bascom (1991, p. 3) escrevendo sobre a Divinação de Ifá, acrescenta que “Os Kamuku são povos vizinhos, na província Niger, norte da Nigéria. Entre os Kamuku, para se prever o futuro, ervilhas são chacoalhadas dentro de uma carapaça de tartaruga, e colhidas com a mão direita ou esquerda. Elas são contadas, e de acordo com a quantidade colhida, marcas são feitas no solo. Este processo é repetido oito vezes”.

Um hotel nigeriano próximo à região do Parque Nacional Kamuka, mantém um portal na internet, onde se vê clara citação a este parque nigeriano, como um dos pontos turísticos.

Vejam os:

The screenshot displays the website for Hamdala Hotel. At the top, there is a banner with the slogan "We Pamper Our Guests" and the hotel's name "HAMDALA HOTEL" in large blue letters. Below the banner is a navigation menu with links for Home, About Us, Services, Facilities, Accommodation, Reservation, Management, and Contact. The main content area is titled "Tourist Guide" and includes a welcome message to Kaduna State, describing it as the prime capital city of the Northern region and a center of learning and culture. Below this, a section titled "Tourist Attractions" features a grid of six images with captions: Mafinga Falls, Lino@Kamuka Park, Kade River, Dance Troopie, Cebich@Kamuka Park, and Nok Terra Cotta Head. A sidebar on the left contains additional links such as "Click Here To View", "Tourist Attraction in Nigeria", "Places to Visit in Nigeria", "Tourist Destination in Nigeria", "NTDC", "70 Exciting Destination", "Book Flights Domestic Airlines - Links", and "ADC Airlines Plc".

Clique na imagem para abrir a página

As Nações do Batuque

Este estudo da nação Kambina leva-nos a outro ponto que fica para ser estudado num próximo trabalho, é o conceito de nação no Batuque, uma vez, neste quesito, ele diverge das demais vertentes afro-brasileiras.

O Batuque se divide em quatro nações, a saber, *Kanbina*, *Jeje*, *Ijesa* e *Qyo*. Entretanto, há poucos elementos de diferenciação que possam distinguir uma nação, de outra. Isto nos permite repensar o conceito de nação no Batuque, pois devido à similaridade de ritos e cultos, o próprio Batuque forma uma única “Nação” afro-sul, com quatro denominações, lados, ou raízes, mas que possuem o mesmo ritual litúrgico, divindades e cantigas, com poucas mudanças significativas.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve o objetivo de estudar, não só a sobrevivência dos costumes do *Alafinato* Iorubá, como também demonstrar que nação *Kanbina*, por seus rituais, está muito mais relacionada com os Iorubá, do que com os bantos.

Devido ao foco direcionado deste texto, pode o leitor ser induzido a pensar que a *Kanbina* é um culto de *Eégún*... não, não é. A nação *Kanbina* é voltada ao culto de *Òrìṣà*, como todas as outras, apenas tem um ritual de *Eégún* diferenciado, que a caracteriza das demais, cujos ritos demonstram uma sobrevivência do *Alafinato* Iorubá.

Vimos que, ao estudar os ritos da nação *Kanbina*, criamos um paralelo entre os costumes Iorubá, para entronação do *Aláààfin*, e o culto de *Kamuka*, rei desta nação, no Batuque do Rio Grande do Sul.

Apresentamos a definição de *Aláààfin*, e como ele é escolhido, mostrando os costumes Iorubá com relação aos sacrifícios humanos, e a proteção a *Eègún*, na sua coroação.

Observamos na cultura Iorubá os pontos que a ligam à nação *Kanbina*, encontramos informações que vão além de coincidências, existindo muitas evidências que nos levam a crer que as origens desta nação, estão ligadas ao *Alafinato*.

Mostramos que a palavra ioruba *kobi* refere-se a um quarto particular do *Aláààfin*, uma extensão do próprio palácio real, cujo costume pode ter sobrevivido nos rituais da nação *Kanbina*, no R.S., que possui um assentamento exterior, em separado, de *Sàngó Baru (Kamuka)*. Assim, a expressão *Nàgó Kòbì*, é um *oríkì*, um nome de carinhoso de se louvar a nação *Kanbina*.

Concluimos com a visão de que, a Nação *Kanbina*, do Batuque afro-sul, nada tem de banto, antes, trazem em seus rituais, reminiscências do *Alafinato*, e sobrevivências de antigos rituais nagô, dos Iorubá.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHAM, R.C. *Dictionary of Modern Yoruba*, Hodder and Stoughton, London, 1962 [1946].

CORREA, Norton. *O Batuque do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, UFRGS, 1992.

ELBEIN DOS SANTOS, Juana. *Os Nàgó e a Morte*, Petrópolis, Vozes, 1976.

JOHSON, Samuel. *The History of de Yoruba*, Routledge & Kegan paul Ltda, London, 1973 [1921].

WILLIANS, Lizzie. *Nigeria*, New York, The Globe Pequot Press, 2008 [2005].

YAKAN, Muḥammad Zuhdī . *Almanac of African peoples & nations*, Transactions Publishers, New Jersey, 1999 .